

- ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO  
- NEWTON MORENO

---

**CLIPPING**

# ANTOLOGIA PESSOAL

**Newton  
Moreno**

DRAMATURGO, ATOR  
E DIRETOR

## “O teatro me leva a lugares para onde eu nunca fui”

Radicado em São Paulo, o recém-falecido Newton Moreno começou a se destacar nesta década como criador de uma dramaturgia apoiada na cultura popular. Como ator, atuou em várias peças, entre elas *Vereda da Sabedoria*, de Jorge Andrade. Autor de mais de dez obras, atualmente ele está dirigindo *Assombrações de Recife Velho*, adaptação de livro homônimo de Gilberto Freyre, encenada pela Cia. Os Fofos Encenam, da qual é um dos fundadores, no Espaço dos Fofos (tel.: 3101-6640).

**Que atores ou atrizes cujo trabalho em teatro você acompanha?**  
Acompanho com carinho o trabalho de todos os atores da Cia. Os Fofos Encenam. Além deles, sigo de perto Georgette Fadel, Debora Duboc, Lúcia Guimarães, Eucir de Souza, Marat Descartes, Gero Camilo, Cacá Carvalho, Walter Breda, Renata Borghi, Leopoldo Pacheco, Plínio Soares, Betty Gofman, Sérgio Brito, Denise Weinberg, Renata Sorrah, Lúcia Cabral, Juliana Carneiro da Cunha, Fernanda Montenegro, Bibi Ferreira e Cleide Yáconis. Tenho snuddades de ver Rubens Correia, Paulo Autran e Yara Amaral nos palcos. Atualmente estou encantado com Mariete Severina, Andréa Beltrão e Sávio Moll.

**Qual o diretor de teatro cujo trabalho admira em especial?**  
Tenho me aproximado de vários diretores e eles são minha escola em direção teatral. Cito João das Neves, Márcio Aurélio, Maria Thais, Aderbal Freire Filho, Cibele Fortuz, Verônica Fabrin e Nilton Bicaudo, com quem trabalhei. Acompanho também Gabriel Vilela, Antônio Araújo, Paulo de Moraes, Enrique Diaz, Cristiane Jatohy e Ana Teixeira e, claro, Antunes e Zé Celso, que têm uma gramática cênica mu-

to própria. Muitos outros. Tenho uma paixão por diretores e por sua coragem em comandar a família teatral de cada projeto com devoção paternal.

**Dê um exemplo de criador teatral (intérprete, diretor ou dramaturgo) muito bom, mas injustiçado.**  
Não digo injustiçado, mas ausente da produção teatral mais recente: Italo Rossi. Um ator como este tem que ser mais solicitado para os palcos. Lembro dois artistas de Recife que são vultos de criatividade que talvez possam ser mais acessados na cena paulista - Marcondes Lima e João Derys. E que há novos experientes autores com uma produção no Nordeste, como Luiz Felipe Botelho e o Marcos Barbosa.

**Cite uma montagem teatral que tenha frustrado suas melhores expectativas.**  
*Hamlet*, de Peter Brook. Apesar das inegáveis conquistas de Peter Brook para a cena contemporânea, esta montagem não me surpreendeu.

**E uma criação teatral surpreendente, ou seja, boa, mas pela qual você não dava nada.**  
*Hysteria*, do Grupo XIX de Teatro. Não é que não dava nada, eu não conhecia o grupo e fui surpreendido por um espetáculo muito delicado e original. Inspirador. Eles representam a qualidade desta nova safra de grupos teatrais na cidade de São Paulo.

A cena brasileira tem algumas montagens teatrais antológicas. Cite algumas que tenham sido marcantes em sua vida.  
*Romeu e Julieta*, de Gabriel Villela (Calypto); *Vem Bussar-me Que Ainda Sou Teu*, dirigido pelo Gabriel também; *Nova Velha Estória*, de Antunes Filho; *Melodrama*, de Enrique Diaz (Cia dos Atores); *Vou da Sarapatilha*, de Luiz



**MORENO** - Pelo risco em cena

Carlos Vasconcelos (Ptolim).

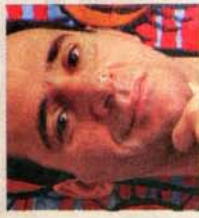
**Que montagem lhe fez mal, de tão perturbadora?**  
*A Trilogia Antiga*, de Andrei Serban. Uma maratona mágica de teatro. Um reencontro com o exercício do trágico. Uma noite no teatro que até hoje ainda não acabou para mim.

**E que espetáculo teatral mais o fez pensar?**  
*Primeiras Estórias*, dirigido pelo João das Neves. Foi uma experiência que expandiu minhas fronteiras sobre a ação do teatro. Após este espetáculo, acredito que eu vi meu ofício como uma ferramenta mais sedutora. A delicadeza da construção das persona-

### CALEFÉIA



●● Italo Rossi poderia ter mais espaço nos palcos.



●● Samir Yazbek: O Fingidor entre os clássicos nacionais

**Cite uma peça difícil, mas boa**  
Várias peças do Nelson Rodrigues. Principalmente as míticas. Um dramaturgo feroz, mas fundamental para o risco na cena brasileira. Nelson ainda hoje é o dramaturgo brasileiro com escrita mais pessoal e perturbadora. A inquietação dos seus textos contagiou todos os criadores que abordam sua obra. Não dá para acomodá-lo quando se lida com Nelson. É uma febre feliz.

**Uma montagem que imagina ter sido muito boa e você não viu**  
*O Pássaro do Pente*, dirigido por Márcio Aurélio, com o grupo Pontá. Imagino que este entreter rendido um belo espetáculo. Posso citar também *O Balcão*, de Victor Garcia; *Rito do Amor Selvagem*, com Stênio Garcia; *Goat d'Água*, com Bibi Ferreira; *Macanaima*, dirigido por Antunes; *Na Selva das Cidades*, com direção de Zé Celso.

**Um espetáculo difícil, mas inesquecível.**  
*O Carrasco*, com a Cia Amok

Teatro. Um exercício corajoso sobre a crueldade humana. Ana Teixeira tem uma condução muito segura do teatro que não me recordo de nenhum, mas luo o fato de crítica estar interessada e participativa nas produções de textos de novos dramaturgos brasileiros em lugares das incensadas traduções de êxitos dos palcos da Europa e dos Estados Unidos.

**Comédia é um gênero menor? Se a resposta for negativa cite uma peça maior do gênero. Se for positiva, diga porquê.**  
A comédia é um gênero maior e de ação transformadora direta sob o público. *O Auto da Paixão e Alegria*, de Luiz Alberto de Abreu, com a companhia Fraternal, é um exercício de inteligência e originalidade que muitos diretores não conseguem nos proporcionar. Exemplifica o refinamento na cultura popular que é parte do que me funda como artista.

**autor brasileiro, de qualquer época, você recomendaria encenações constantes?**

*Vereda da Sabedoria* e *Albano de Família*. Duas tragédias brasileiras com estilos diferentes, discutindo fanatismo/ficção/família como eixos para compreender nossa formação. A obra de José Vicente, Alcides Nogueira e Naum Alves de Souza. Bem como a recuperação de uma dramaturgia que serviu como base para o ator nacional. Martins Pereira, Artur Azevedo ou mesmo o repertório de peças levadas no circo-teatro, como os textos encenados por Fernando Neves.

**Que peças (ou autores) de peças (brasileiros ou estrangeiros) sempre presentes nos cânones não mereciam seu voto? E um sempre ausente no qual você votaria?**

Não sei de autores adorados que não mereçam esta distinção. Mas um autor que deveria ser retomado é Qorpo Santo. Outro artista que pressupõe risco inventividade. Acho saudável recuperá-lo.

**Que montagem (ou ator, diretor) festejado pela crítica você detestou?**

Não me recordo de nenhum, mas luo o fato de crítica estar interessada e participativa nas produções de textos de novos dramaturgos brasileiros em lugares das incensadas traduções de êxitos dos palcos da Europa e dos Estados Unidos.

**Que virtude você mais preza no bom teatro?**

A possibilidade de me fazer ver o mundo como eu nunca tinha visto. Me levar a lugares aonde nunca fui.

**E o que mais o incomoda no seu teatro?**

O medo de se arriscar. ● DEPOIMENTO A FRANCISCO QUINTEIRO PIRES

CADERNO 2

ESTADO DE S. PAULO  
DOMINGO, 6 DE JULHO DE 2008  
ANO XXVI, NÚMERO 1.445



## Newton Moreno faz sucesso com 'Nordeste sincero'

Dramaturgo e diretor pernambucano recebeu 2 prêmios e 1 indicação ao Shell entre 2005 e 2008; cinema está nos planos

No Rio, 'As Centenárias' já foi vista por quase 20 mil pessoas; 'Memória da Cana' é novo projeto com seu grupo, Os Fofos Encenam

LUCAS NEVES  
DA REPORTAGEM LOCAL

Já está virando barbada: nos últimos quatro anos, o nome do ator, dramaturgo e diretor pernambucano Newton Moreno, 39, só não apareceu na lista de indicados ou vencedores do prêmio Shell (o mais importante do teatro brasileiro) em 2007 (premição relativa aos espetáculos de 2006).

Em 2005, os jurados paulistanos do troféu o apontaram melhor autor por "Agreste", retrato do amor puro de um casal sertanejo. No ano seguinte, a direção de "Assombrações do Recife Velho", baseada na obra de Gilberto Freyre e montada com seu grupo (Os Fofos Encenam), lhe valeu uma indicação ao prêmio. Quatro meses atrás, o júri carioca do Shell reconheceu a dramaturgia de "As Centenárias", sobre o cotidiano de duas amigas carpidetas.

Modesto, Moreno divide os louros com as equipes das peças. "Tive sorte de encontrar atores e diretores interessantes e interessados no que eu estava propondo. Não tem segredo. Cultivo uma escuta coletiva, sou meio arisco à ideia de uma dramaturgia pronta, em que não se pode mexer."

A julgar pela quantidade de projetos que ele desenvolve para os próximos meses, não custa aconselhar: guardem espaço em suas cédulas de votação, jurados do Shell.

Para outubro, está prevista a estréia de "Olhos de Amália", adaptação de um conto de sua autoria sobre "uma mulher que ama demais, e isso torna propícias que ela precisa resol-

ver, pois é uma missão muito grande que os céus mandaram: amar a humanidade inteira".

No primeiro semestre de 2009, deve vir "A Memória da Cana" (título provisório), novo trabalho d'Os Fofos, que Moreno descreve como "filho de 'Assombrações': será uma costura de ficção com memórias pessoais do elenco — formado por cinco atores de ascendência nordestina e uma paulista, que fará a "estrangeira".

### Geoespetáculo

Há também "Da Possibilidade da Alegria no Mundo", reunião de peças curtas de Alemanha, Brasil, Irã, Portugal e Uruguai. A ideia do dramaturgo, já encampada pelo Sesc, é partir dos textos para "compor um geoespetáculo".

A lista inclui ainda incursões pelo cinema. Em parceria com o documentarista Evaldo Mocarzel (de "À Margem da Imagem"), ele pretende filmar uma apresentação de "Assombrações" nas ruas de uma cidade do interior pernambucano e casar no registro "causos" fan-

tasmagóricos da população.

Curtas-metragens baseados em suas peças de temática homoerótica "A Cicatriz É a Flor" e "Deus Sabia de Tudo e Não Fez Nada" completam as ambições em película.

Essa investigação do amor entre iguais foi gradativamente perdendo terreno, em sua dramaturgia, para a busca das raízes. "De início, queria entender a possibilidade de aprender com as diferenças. Hoje, me interessa discutir o lugar do mistério, do sagrado, da memória em cena. Eu fico um pouco com essa pergunta: qual a necessidade de espiritualização do homem contemporâneo?", diz.

### Sertão com Rosa

Radicado em São Paulo há 18 anos — em meados dos anos 90, morou em Campinas, onde cursou artes cênicas —, ele acertou as contas com a Recife natal via Guimarães Rosa.

"Estava preparando o espetáculo de formatura da faculdade, 'Primeiras Estórias'. Voltei para o meu Estado para poder lidar com esse material, e aí caiu a ficha. Tinha feito um movimento de me afastar temporariamente de uma herança de cultura popular, de uma força de produção que tem a ver com a linguagem do Nordeste para vir a São Paulo e conhecer outras estéticas. Logo vi que isso era um discurso meu, era a minha verdade, a coisa mais sincera que poderia oferecer".

Daf três de seus textos mais recentes ("Agreste", "Assombrações..." e "As Centenárias") se passaram no Nordeste — sem receio de rótulos "regionalistas". "Acho que estou perdendo o medo disso: estou cada vez mais querendo voltar para Limoeiro (PE) e ouvir minha mãe, recuperar o meu sotaque, tentar entender onde a experiência humana é grande, seja no Crato (CE) ou em Berlim."



O dramaturgo Newton Moreno posa no cenário de 'Assombrações do Recife Velho', em São Paulo



Paulo Marcello (à esq.) e João Carlos Andreazza em 'Agreste'



Marieta Severo vive carpidora em 'As Centenárias', no Rio

### 'CABRA DA PESTE'

Prêmios a números do Newton Moreno

#### "Agreste" (2004)

(texto dele)

- >> Prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), melhor autor e espetáculo
- >> Prêmio Shell-SP de melhor autor (e indicação a melhor direção, de Márcio Aurélio)

#### "Assombrações do Recife Velho" (2005)

(texto e direção dele)

- >> Três indicações ao Prêmio Shell-SP (diretor, iluminação, música)

5.000 pessoas assistiram à peça, em quatro temporadas

#### "As Centenárias"

(2007) (texto dele)

- >> Prêmios Shell-Rio de melhor autor, atriz (Andréia Beltrão) e cenário

Cerca de 18 mil

pessoas assistiram à peça, dirigida por Aderbal Freire-Filho entre setembro do ano passado e junho deste ano; Moreno já tem outro texto pronto para Beltrão, "Jacinta", que ele chama de "hino de amor ao teatro"



# PEFIADA

POR CYNTHIA GARCIA

AO AUMENTAR SUA COLEÇÃO DE TROFÉUS, DESTA VEZ LEVANDO O PRÊMIO SHELL DE AUTOR PELA PEÇA AS CENTENÁRIAS, **NEWTON MORENO** SE FIRMA COMO UMA DAS GRANDES PROMESSAS DO TEATRO BRASILEIRO

A primeira peça a que este pernambucano de 39 anos assistiu foi a um circo-teatro "namburibe, poltrinho, poltrinho, bem bye, bye, Brasil", em Limoeiro, terra da família desse dramaturgo recifense. A vivência sertaneja, o conhecimento da obra de Gilberto Freyre, a paixão pela cultura popular e o amor pelo teatro formam o eixo da obra desse teatrólogo que recebeu no início de março seu segundo Prêmio Shell como autor, desta vez pela tragicomédia *As Centenárias*. Desde seu tempo no Teatro Pórcia, a peça que conta a história de duas carpideiras (mulheres que acompanham os funerais chorando o defunto, excitando as lágrimas da família com frases avaliadas e gestão de imagem) e dramática, dirigida por ninguém menos que Adelfal Frota-Filho, tem nos papéis principais a dupla consagrada Marreta Severo e Andraia

32/26

OSWALDO COELHO





Entre ferros: **Andréia Beltrão** e **Marieta Severo** fazem com que o texto de Newton fique ainda mais brilhante. O autor agradece



“NEWTON MORENO NÃO É MAIS UMA PROMESSA, JÁ É UMA ONSTATIÇÃO. ESTÁ ENTRE OS GRANDES DRAMATURGOS BRASILEIROS. É BOM TER UM AUTOR NOVO COM O TALENTO E A FÚRIA DELE” MARIETA SEVERO. “EU ASSINO EMBAIXO”, ANDRÉIA BELTRÃO

Beltrão (que levou o de melhor atriz) e Sérgio Mall. Mas ainda abocanhou outro prêmio, o de melhor cenário, realizado por Fernando Mello da Costa e Rosângela Albuquerque.

Newton Moreno começou no teatro amador, trabalhou em hotelaria mas decidiu ao abraçar o curso de teatro na Unicamp. Entre livros como ator, fez até um papel na novela *O Rei do Gado*, da TV Globo. Mas foi ao assumir seu domínio da palavra e das emoções em textos teatrais homocênticos encenados pelo grupo *Os folos (Dois Sábios de Tudo... Dentro, A Cigariz e a Força e The Celso Cruz Show)* que sua linguagem passou a ter repercussão no meio teatral, rendendo um convite de seis meses de residência no respeitado Royal Court Theatre em Londres, em 2005.

No momento, esse Beckett do sertão diz estar em um ciclo “escancaradamente nordestino” com as peças *As Caramuzas*, *Assembléias do Recife Velho* e *Agreste*, esta, segundo ele, um cruzamento entre seu ciclo gay e o atual. Com ela abocanhou seu primeiro Prêmio Shell de autor, e após encená-la em São Paulo e no Recife fez uma turnê no Chile, na Alemanha, na França e na Inglaterra, sob o título *Dry Lands*. E escrever novela? “O convite ainda não veio”. E cantarela uma poesia com gringa sertaneja de sua autoria sobre o mistério, que está no cerne de sua dramaturgia: “A história vive da lenda / O que não se vê tem beleza / Força, ciência e esprezeza / O mundo não é só dos homens / Mistério é fortaleza”.

**Há uma carpijeira dentro de você?**

(risos) A família plantou uma em mim. Lembho “vivamente” da morte de meu avô no interior de Pernambuco. Seis meses se trancaram horas em uma sala com ele numa relação de cantos e lamentos. E nós de fora, só “brechando” *(regionalismo para antes pelas brechas)*.

**Não é uma herança fúnebre demais?**

Não, porque a cultura popular, com seu campo místico, onde abundam romeiros, beatas, procissões e milagres, lida a morte e lida com ela de maneira divertida.

**Morte divertida, como?**

Concebi a curir anedotas de fantasmas no adaptar para o teatro uma obra de Gilberto Freyre, *Assembléias de Recife Velho*, de 1950. Além de adaptá-la, colhi novos depoimentos sobre a comunicação com “o outro lado”.

**Quais são os seus desencarnados preferidos?**

A “morta forrozeira” é um clássico da noite nordestina: rapaz encontra moça bela e fogosa no forró, dançam apaixonadamente, ela se retira misteriosamente, ele descobre que ela já havia morrido, vai até o jazigo e o costado vê a foto dela na lápide. O imaginário popular convive com o além, associado à religião, que é forte no Nordeste.

**Que ótimo!**

Ah, tem várias gargalhadas. Tem uma figura emblemática no Recife que se chama “a perna cabeluda” (risos). É uma lenda urbana do período da repressão, anos 60, que é uma perna cabeluda – uma só – que perseguia as pessoas, e aí entra a ideia de perseguição e outras interpretações. A “perna cabeluda” virou um hit, virou nome de bloco de frevo, de clube de futebol, até de radiomancha, que relatava histórias de assombração. Começava às 23:59, um minuto antes da meia-noite...

**Forte essa perna cabeluda...**

Tem estudante que perde o ano porque não sai à noite para estudar com melo da perna cabeluda. Ela foi até acusada de violentar mocinhas! A moça aparece gravida, “Xi, foi a perna cabeluda...”. Envergo a morte como poção de vida, porque o movimento dela, no fundo, é criar.

**É um paradoxo bem original. Em suas peças, o tratamento da morte no feminino significa que é uma figura de mulher?**

Ela é retratada de várias maneiras. No Nordeste, também assume a forma de uma palhaça com nariz de clown, que é uma máscara mortuária que prega peças nos vivos para amansar a dor.

**O QUE ELE GANHOU PRÊMIOS RECONHECEM O TALENTO DO AUTOR**

- ▶▶▶ **2007** ▶ Prêmio Shell Rio de autor pelo texto de *As Caramuzas*
- ▶ Prêmio Qualidade Brasil, melhor espetáculo comédia *As Caramuzas*
- ▶ Prêmio Coniagra de teatro pelo texto *Vermói, o Caminho das Mortes*
- ▶▶▶ **2005** ▶ Qualidade Brasil pela direção de Associação do Recife Velho
- ▶▶▶ **2004** ▶ Prêmio Shell São Paulo e APCCA de autor pelo texto *Agreste*
- ▶▶▶ **2003** ▶ Festival de São José dos Campos como melhor ator em *A Mulher do Inim*





"FOI MUITO BOM CONSTRUIR UM ESPETÁCULO COM UM TEXTO QUE RESPIRAVA NOS ENSAIOS", ADERBAL FREIRE-FILHO



#### Freud fez alguns estudos nessa área.

É verdade, ele dizia que temos de criar mecanismos que nos tire essa idéia do fim. *As Centenárias* vem daí, são causos do imaginário nordestino de como driblar a morte.

#### E como é trabalhar com nomes como Marieta Severo, Andréa Beltrão e Aderbal Freire-Filho?

Ah, maravilhoso! A comadragem (*de comadres*) entre Marieta e Andréa é, pode-se dizer, de profundidade centenária. Essa comadragem alimenta o texto. O Aderbal foi uma figura fundamental, um diretor muito experiente. Espero trabalhar com ele outras vezes.

#### Agora diga: se você deparasse com uma "moça forrozeira", dançaria com ela o forró?

Na primeira vez que a Pina Bausch (*maior coreógrafa alemã de balé moderno e uma das mais renomadas do mundo da dança*) veio ao Brasil, eu trabalhava na área de produção no Teatro Alfa, em São Paulo. Ela estava pesquisando a dança popular brasileira e levei-a para um forró.

#### Eta rapaz atirado! Mas você dança bem forró?

A Pina não reclamou. Se a Pina não reclamou... (*risos*). **D**

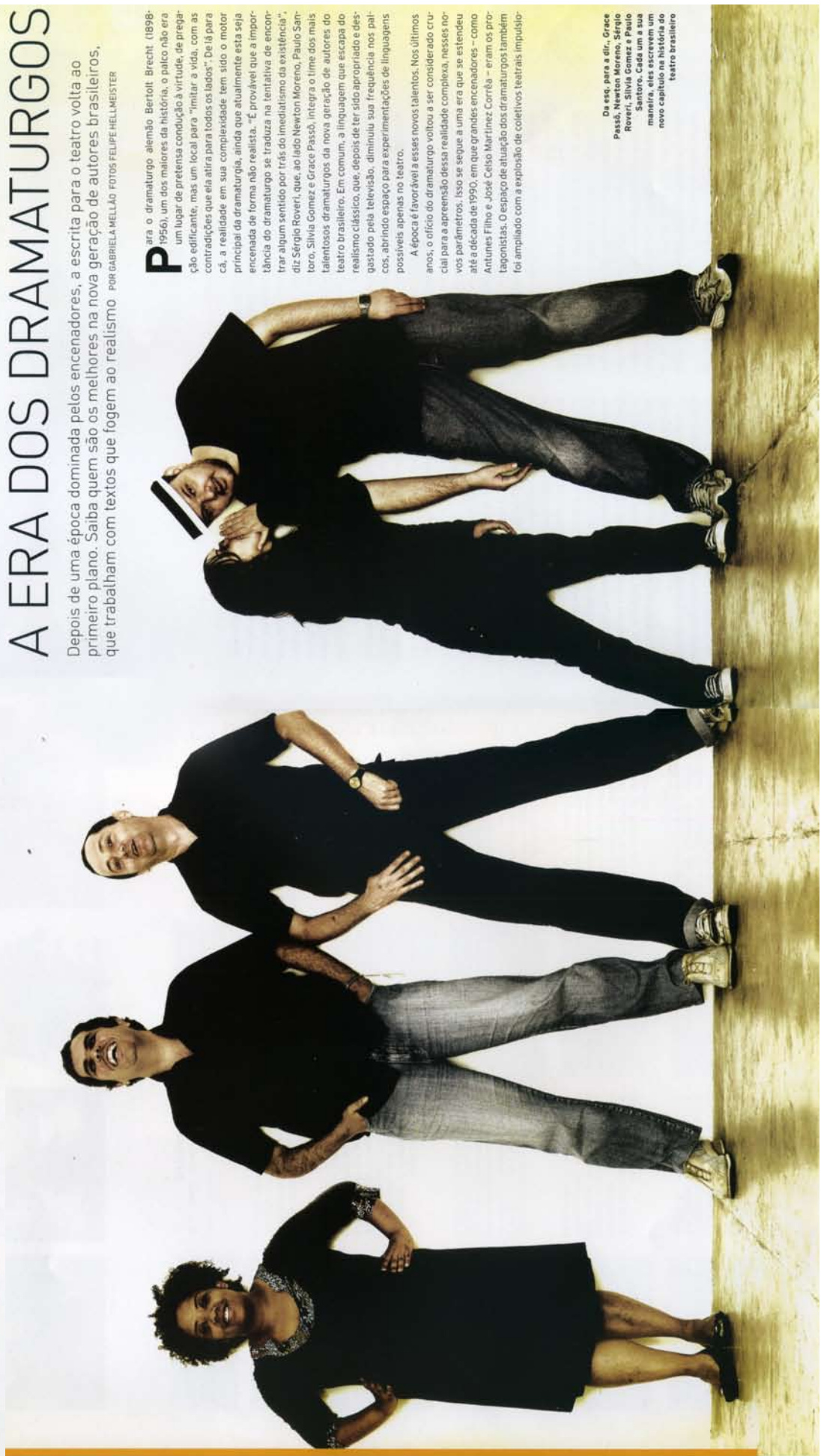
#### NO PALCO

ANDRÉA BELTRÃO E MARIETA SEVERO PROTAGONIZAM MOMENTOS IMPAGÁVEIS EM *AS CENTENÁRIAS*

► **Socorro, a carpideira mais velha (Marieta Severo)** – "...Eu via as foto de meu avô. Um homem espichado, macio, que levantou um sítio sozinho e alimentô seis fio (filhos) com seu trabalho. Mas esclerözô rápido e trocava os nome tudo. Chamava seus bezerro como se fosse seus neto e seus neto como se fossem seus bezerro. Eu tinha me tornado a vaca mimosa. Eu tinha loucura por esse nome. Eu adorava ser gado."

► **Zaninha, a carpideira mais nova (Andréa Beltrão)** – "Ele é o homem mais lindo do Cariri interol! Quando eu vi ele na festa junina vestido de noivo – avemária! –, quase parei de respirá. Ele é tão lindo que parece uma pamonha quente com a manteiga derretendo toda pra cima. Quase pedi ao padre para casar nós ali mesmo no meio da festa junina. Ele é minha completude e eu sei que ele tem sentimento neu (*em mim*). "Mas, olhe, preciso ter um filho logo. Se der, em menos de nove meses. Do jeito que fô mais rápido. O senhor conhece os mecanismo, né? Dessas esfregação, o senhor conhece alguma mais rápida pra parí menino?"





## A ERA DOS DRAMATURGOS

Depois de uma época dominada pelos encenadores, a escrita para o teatro volta ao primeiro plano. Saiba quem são os melhores na nova geração de autores brasileiros, que trabalham com textos que fogem ao realismo

POB GABRIELA MELLÃO - FOTOS FELIPE HELLMHEISTER

**P**ara o dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), um dos maiores da história, o palco não era um lugar de pretensa condução à virtude, de pregação edificante, mas um local para "imitar a vida, com as contradições que ela atrai para todos os lados". De lá para cá, a realidade em sua complexidade tem sido o motor principal da dramaturgia, ainda que atualmente esta seja encenada de forma não realista. "É provável que a importância do dramaturgo se traduza na tentativa de encontrar algum sentido por trás do imediatismo da existência", diz Sérgio Roveri, que, ao lado Newton Moreno, Paulo Santoro, Sílvia Gomez e Grace Passó, integra o time dos mais talentosos dramaturgos da nova geração de autores do teatro brasileiro. Em comum, a linguagem que escapa do realismo clássico, que, depois de ter sido apropriado e desgostado pela televisão, diminuiu sua frequência nos palcos, abrindo espaço para experimentações de linguagens possíveis apenas no teatro.

A época é favorável a esses novos talentos. Nos últimos anos, o ofício do dramaturgo voltou a ser considerado crucial para a apreensão dessa realidade complexa, nesses novos parâmetros. Isso se segue a uma era que se estendeu até a década de 1990, em que grandes encenadores — como Antunes Filho e José Celso Martinez Corrêa — eram os protagonistas. O espaço de atuação dos dramaturgos também foi ampliado com a explosão de coletivos teatrais impulsio-

Da esq. para a dir., Grace Passó, Newton Moreno, Sérgio Roveri, Sílvia Gomez e Paulo Santoro. Cada um a sua maneira, eles escreveram um novo capítulo na história do teatro brasileiro

## NEWTON MORENO

Dramaturgo se destaca por estabelecer um diálogo entre a tradição nordestina e cosmopolitismo



UMA FÉ NA VIDA INSPIRADORES. QUERO ME APROXIMAR CADA VEZ MAIS DESTA RAÍZ".

uma fé na vida inspiradores. Quero me aproximar cada vez mais desta raiz", diz. Moreno dedica-se a inundar o palco de lirismo e musicalidade, abordando a temática de sua cultura natal por meio de formas estruturais abertas, que remetem a um estilo de dramaturgia próprio às produções teatrais de grandes centros urbanos. Sua escrita avalia contemporaneidade e um mundo aparentemente opostos, instigando espectadores a pensar o teatro como arte de experimentação. "Escrevo para provocar uma nova cena. Gosto de pensar que meus textos sejam recebidos como desafio, uma tentativa de expandir os limites da cena teatral. Risco é saudável", diz. Ele conquistou reconhecimento em 2004, com sua quarta peça, *Agreste*, dirigida por Marcio Aurélio (prêmios Shell de Teatro e Associação Paulista de Críticos de Artes - APCCA, ambos na categoria melhor texto, em 2004). Desde então, nas seis obras subsequentes, como *Assombrações do Recife Velho* (Prêmio Qualidade Brasil de melhor espetáculo em 2005) e *As Cenetárias* (Prêmio Shell para melhor dramaturgia em 2007).

Moreno não cessou de apresentar sua cultura com frescor e ousadia. No mês que vem, ele mostra no Itaú Cultural, em São Paulo, a construção em processo de seu próximo espetáculo, *Memória da Cama*, projeto que une as memórias dos atores do criação nordestina sobre o tema da família à obra *Album de Família*, de Nelson Rodrigues.

no Museu de Arte de São Paulo, cuja programação especial neste ano promove textos de jovens autores. Há também o Núcleo de Dramaturgia Sesi-British Council, também de São Paulo, que está começando trabalho com uma nova turma de dramaturgos iniciantes. O maior problema, atualmente, é fazer com que esses novos textos subam ao palco. Até mesmo um autor de talento comprovado sofre para encenar um texto no país. "Cada produção é um par-tido numa selva de natimortos", diz Santoro.

Nascidos ou projetados em concursos teatrais ou cursos de formação, como os citados acima, Santoro, Moreno, Silvia Gomez e Roveri apresentam suas leituras dessa realidade multifacetada que o teatro leva ao palco. Cada um a sua maneira, escrevem a vida que Brecht queria representada.

### NEWTON MORENO

Apesar de o Nordeste servir de alimento ao teatro brasileiro desde o século 19, as tradições populares passaram a inspirar autores da região só a partir dos anos 50. Hoje, mais do que a preservação, o movimento comum é pela atualização da cultura nordestina. O pernambucano Newton Moreno é o dramaturgo da atualidade que melhor promove esse diálogo entre tradição cultural e cosmopolitismo. Também diretor e ator, ele tem 41 anos de idade e nove de carreira autoral, iniciada profissionalmente com a fundação de seu grupo, Os Fatos Encenam, em 2000. Moreno reside em São Paulo há quase dez anos. Conserva o imaginário, no entanto, no local de seus origens. "Par-tido do que somos como nação começa pelo Nordeste. O povo tem soluções estéticas, um poder de resistência e uma fé na vida inspiradores. Quero me aproximar cada vez mais desta raiz", diz. Moreno dedica-se a inundar o palco de lirismo e musicalidade, abordando a temática de sua cultura natal por meio de formas estruturais abertas, que remetem a um estilo de dramaturgia próprio às produções teatrais de grandes centros urbanos. Sua escrita avalia

nada pela Lei de Fomento, criada em 2002, em São Paulo, para financiar os grupos. "A prática de processo colaborativo solicitou a presença de um profissional de texto para cena, fundamental para organizar o roteiro destes processos de pesquisa dos grupos", diz Newton Moreno, também ator e diretor de seu grupo, Os Fatos Encenam.

Silvia Gomez, formada numa das principais escolas de investigação teatral do país, o Centro de Pesquisa Teatral (CPT), de São Paulo, reforça a opinião: "Nos processos coletivos, corre-se o risco de criar montagens que viram um amontoado descorado de cenas. Ficou clara, assim, a importância de se ter um fio condutor, alguém que pudes-se fazer a costura e criar uma história coerente e instigante, não apenas uma sucessão de viagens individuais". Para Grace Passó, autora, atriz e eventualmente diretora do grupo Espancal, de Belo Horizonte, a revalorização do dramaturgo se dá sobretudo no sentido de rever, recriar sua função: "Desde as últimas décadas do século passado, o modo de pensar e fazer teatro mudou significativamente. Os coletivos ensinaram que escrever teatro é, também, fazer teatro - e não escrever para ver o que aquele grupo faz com seu texto".

Entre os autores ligados a coletivos teatrais, cujo trabalho, na maior parte das vezes, é criado a partir de improvisações dos atores, e aqueles que compõem sozinhos seus textos, seguindo os moldes da tradição teatral, é fato que a dramaturgia vive um momento de ebulição. "Tornou-se quase um evento ser dramaturgo", diz Antunes Filho, criador do CPT. "Será preciso separar o joio do trigo. Muitos autores vão escorar, poucos irão ficar", opina ele, citando seus discípulos Paulo Santoro e Silvia Gomez como dramaturgos de vida longa.

Ainda que os programas de incentivo à formação de novos talentos não supram toda a necessidade do setor, eles existem. O CPT é um exemplo disso, assim como diversos ciclos de leituras, como o Letras em Cena, realizado



## CADERNO 2

## Teatro bem-assombrado

Depois do retumbante sucesso de *Agreste*, seu autor, o premiado Newton Moreno, está de volta, também como diretor, em *Assombrações do Recife Velho*



IMAGINÁRIO QUE PERSISTE - Encenação, para apenas 25 espectadores, passa-se dentro de um casarão tombado e é inspirado em texto de Gilberto Freyre e histórias de medos e sustos, recolhidas pelo autor e di

Beth Néspoli

Formado em administração de empresas, pernambucano do Recife, Newton Moreno mudou-se para São Paulo em 1990 para estudar artes cênicas e é hoje um dos mais aplaudidos autores nacionais na nova safra. Chamou a atenção pela primeira vez na Mostra de Dramaturgia Contemporânea do Sesi, em 2002, pela força poética do texto *Dentro* e, pouco depois, com o bellissimo *A Cicatriz É a Flor*. Mas teve seu talento reconhecido com a peça *Agreste*, cuja montagem dirigida por Márcio Aurélio valeu a Moreno muitos elogios e os prêmios APCA e Shell.

Hoje ele volta à cena em dupla atuação, como autor e diretor do espetáculo *Assombrações do Recife Velho*, livre adaptação do livro homônimo do sociólogo Gilberto Freyre, seu conterrâneo, autor de *Casa-Grande & Senzala*. A encenação, para apenas 25 espectadores, passa-se dentro de um casarão tombado pelo Patrimônio Histórico, num local ocupado no século 19 por sofisticadas famílias francesas, o antigo bairro chamado Belvedere, hoje Bela Vista. O espetáculo faz jus ao termo "livre adaptação", uma vez que Moreno juntou às histórias colhidas por Freyre outras memórias coletadas em sua terra.

No jardim meio antigo, dalias e dentes-de-leão. Nas varandas da casa, colunas duplas, ornamentadas. Aguardando no quintal, o público é abordado por personagens que parecem ter saído de um velho álbum de fotos. Um deles nos conta que um marido traído 'cimentou' a mulher contra a parede e ela morreu assim, cruelmente sufocada. "Por isso, o reboco dessa casa estoura; é ela tentando sair", explica. Nessa atmosfera fantasmagórica, somos convidados a entrar naquela casa.

A partir daí, compartilhamos com esse grupo um imaginário que ainda existe - e resiste como um casarão semi-abandonado entre edifícios - num Brasil que 'tirou o pé do mato' outro dia. Claro que Moreno não faz isso 'apenas' para provocar sensações como medo, riso ou emoção no público. "Que assombrações são essas que resistem em nossa memória?", pergunta Moreno. Que fantasmas carregamos pelo que matamos para construir nossas cidades? São perguntas que ressoam ao fim desse espetáculo, cujo principal mérito parece ser mesmo o de nos transportar para outra dimensão de espaço e tempo. ●

Continua na pág. 3





DEPOIS DO AGRESTE - Cena de *Assombrações do Recife Velho*, que remete à terrível realidade da desigualdade social brasileira

## Susto maior vem das almas deste mundo

Espectáculo de Newton Moreno, que estréia hoje em casarão da Bela Vista, relaciona lobisomens e assombrações a sonhos e desejos bem humanos

Beth Néspoli

Acertar no incrivelmente largo corredor do Casarão Belvedere, o espectador atento verá uma plaquinha: Rua do Encantamento. Em compridos bancos laterais, será convidado a se acomodar. Cada porta de quarto passa a ser então a porta de uma casa. Assim, vai compartilhar como antigamente a convivência de vizinhos, seus casos, suas histórias no espetáculo *Assombrações do Recife Velho*. Aos pontos, percebe-se que cada lobisomem, alma penada, demônio ou 'visage' que por ali circula tem algo a ver diretamente com desejos, sonhos, recalcos bem humanos. Há desde os mais inocentes, passando pelos ardidos (*trecho abaixo*), até os mais repugnantes, como o popular Papa Figo, cujos pilares estão bem assentados na terrível realidade da desigualdade social brasileira.

Assim, o deslocamento no espaço e no tempo é só o primeiro e mais evidente entre outros propostos por essa montagem, que nos conduz numa trajetória na contramão da era contemporânea. Afinal, nada mais estranho à lógica da sociedade do espetáculo – só vale se for mega – uma montagem feita para 26 espectadores por noite, sobretudo se levarmos em conta que há 28 pessoas na equipe de criação, os 9 bons atores da Cia. Os Fofos Encenam, mais o talentoso pessoal da técnica. Lucro, obviamente, zero. "Claro que

um espetáculo deste só é possível com o apoio do Programa Municipal de Fomento ao Teatro", observa Moreno.

O sucesso de *Agreste* não provoca um certo temor na aventura seguinte? "São coisas muito diferentes. Ao entregar meu texto ao Márcio Aurélio, sabia que ele faria uma coisa bonita e sofisticada, aquela ponte Piraju/Berlim que só ele sabe construir", diz Moreno, referindo-se à formação alemã desse diretor, nascido em Piraju, interior de São Paulo, que já assinou a direção de óperas e peças em Weimar e em Berlim. "No meu caso é muito diferente. Não tem Alemanha. Volto para Recife mesmo, aos contadores de histórias." A linguagem poética, metafórica, é uma das qualidades sempre comentadas na dramaturgia de Moreno. De onde vem isso? "Vem da cultura popular mesmo, do Cavalão-Marinho, das histórias contadas ao pé do fogão."

Vale dizer que Moreno dirigira sua primeira peça, *Deus Sob o Teto e não Foz Nada*, com a Cia. Os Fofos Encenam, em 2001. "O grupo nasceu na Unicamp, onde estudei. Como lá tudo era muito sério, resolvemos trabalhar com bufonaria. Daí o nome da companhia." Juntos novamente, partiu dos atores a sugestão para que ele voltasse à direção. "O texto estava escrito, mas o processo de criação foi inteiramente compartilhado com os atores. Desde a caracterização dos personagens até a ordem das cenas." ●

### PRESTE ATENÇÃO...

- ...nas sombras por trás das cortinas. Parecem etéreas, mas têm força suficiente para atrair e fazer desaparecer seres viventes.

- ...na abordagem sutil e pertinente do papel da televisão no cotidiano do brasileiro. Você não vai ver uma televisão ou eletrodoméstico em cena, mas num dado momento ela está lá, no papel de 'estraga prazeres', tomando lugar outrora exercido pelo 'contador de histórias' na alimentação do imaginário popular.

- ...no que acontece de verdade enquanto Ernestinho conta a Jaqueline um caso de lobisomem.

- ...sempre que o corredor ficar vazio, fique ligado, ou perderá o início de uma cena numa das portas.

- ...se você gosta de bolo e doces, tenha moedas de R\$ 0,50 à mão. Sempre há vendedores dessas guloseimas nas velhas ruas do Recife. 6/11

— Serviço  
*Assombrações do Recife Velho*. 105 min. Livre. Casarão do Belvedere (25 pessoas). Rua Pedrosa, 267, Bela Vista. 3842-5522. 5.ª a sáb., 21h; dom.: 19h. R\$ 10. Até 13/11

### TRECHO

Dona Zefa vivera cinquenta anos mais seu Ataulfo. Como fêmea, viveu só quinze. Depois se abusou do cheiro de leite num quebra mais conversa de mule com homem. Olhava para ele e num sentia apetite nenhum para aquelas coisas, pensava logo em comer um feijão com arroz, um pãozinho assado, tudo menos sexo. Seu Ataulfo tentava, mas nada dela se permitir proladro dele. Foi assim até seu último suspiro, ele tentando tocar-lhe o bico do seio murcho no meio de tantos tubos e soros. Morreu a um passo de ericar-lhe a mama.

Dona Zefa enterrava com ele qualquer possibilidade de prazer. Casar de novo? Nunca. Agora era esperar o fim. Foi morar no quarto dos fundos da casa da filha. Melhor assim. Tinha privacidade depois de cinquenta anos. Quer dizer, achava que tinha. Pois, toca vez que entrava no banho, ouvia assovio elogioso. Elogioso ou sarcástico, para mulher nos quase oitenta anos. Quem estaria espiando? Olhava pelo basculante e nada. Olhava pela fechadura e nada. Um dia, encontrou uma rosa na cama. Vermelha como na primeira noite que dormira com Ataulfo. Erizou-lhe o bico do peito a leve lembrança. Erizou-lhe o outro bico quando pensou que Ataulfo pudesse estar ali. "Ataulfo, é você?" As pistas se seguiam. O travesseiro amassado, a toalha azul ao lado da rosa, mais rosas e rosas, o chinelo dele fora do armário.

Ele voltara. Teve medo e uma sensação gostosa no baixo-ventre. Foi então que lembrou: a sensação era a fêmea. Apresentação a excitava, como nunca em vida. A iminência do anoitecer já lhe imedia todas as partes baixas. Na quietidão, meu Deus. Vestia-se sensual para ele.

A filha reparou que a mãe não saía mais do quarto. Os bicos ericaram de um tanto que parecia que erguiam o seio a alguns centímetros. O gemer notívoco: "Pobre de tua mãe. Morre de saudades do marido. Todas as noites agora ouço-a gritar: 'Ataulfo, Ataulfo.'" O amor e seus mistérios de coisa do outro mundo.



Teatro Em cartaz:

# A força cênica da tradição oral

Espetáculo baseado em Gilberto Freyre celebra o imaginário popular, sem melancolias saudosistas

## CRÍTICA

MARIANGELA ALVES DE LIMA  
Especialista para o Estado

As ciências sociais foram, para Gilberto Freyre, área privilegiada de estudo. Mas há na sua obra, além das interpretações analíticas, o registro de uma fruição estética da cultura de um modo geral, e pernambucana em particular: a que deu o nome de "empatia". Em texto sobre o capital do seu Estado referiu-se "ao Recife das revoluções, dos crimes, das assombrações, dos cadáveres de padres ideólogos rolando pelo chão, dos fantasmas de moças nuas aparecendo a frezes devassos, dos papaficos pegando mentos, dos maridos ciumentos esfocando mulheres, das serenatas de rapazes pelo Capibaribe nas noites de lua - todo esse Recife romântico, dramático, mal-assombrado, passa despercebido ao turista". E essa espécie de admiração pelo exaltado imaginário recifense que anima a adaptação feita por Newton Moreno das crônicas cênicas sob o título de *Assombrações do Recife Velho*.

Histórias variadas, recolhidas da tradição oral e, portanto, sem data de nascimento, mesclam-se a um fio dramático contemporâneo. Para o pesquisador de hoje, personagem desajustado, a fonte é cada vez mais inacessível. Quem sabe, quem nunca poderá transmitir esse patrimônio imaterial, está perdendo a memória. O fascínio dos meios de comunicação de massa, instaurando de modo dominador outras narrativas, pre-



EDUARDO MOTO/ALFA

UM DOS NARRADORES - Peça se beneficia totalmente do lugar de exibição, um casarão restaurado

de um "valor em movimento" ressoando nas agitações ouvidas e inteligentíssimas do mangue beat. A figuração do narrador original, eliminada na adaptação de Newton Moreno, é sublimada na utilização da metodologia de Gilberto Freyre.

Quase todo o espetáculo se beneficia do lugar de exibição, uma antiga moradia restaurada no ponto certo, ou seja, sem que a intervenção apague inicialmente as marcas do tempo sobre o prédio. Desse modo, as assombrações se desdobram por um edifício vagamente antigo, com sinais de desgaste, mas encravado entre arranha-céus e viadutos. É um espaço que conjuga duas fronteiras temporais e o sentido dessa justaposição é também o alvo do trabalho cênico. Único episódio sem resolução adequada é aquele em que a família migrante dialoga com o patriarcal. Como dramaturgia, a cena é excepcional: econômica, sutil e empática, exatamente porque realiza o sentimento de desaturo dos que não sabem falar muito. No entanto tem um tratamento brilhante, em tom sentimental e mal definido, porque as duas pontas da interlocução são igualmente arcaicas. Falta a esse episódio a tradução cênica desse objeto impositivo que é o vulgaríssimo orelhão.

Assombrações do Recife Velho, 105 mm. Livre. Casarão do Belvedere (25 pessoas). R. Pedroso, 267, Bela Vista, 3842-5522. \$3 a sáb., 21h; dom., 19h. R\$ 10. Até 13/11.

coletiva do presente. Há, sem dúvida, a nostalgia do passado, característica das cidades antigas cuja arquitetura ainda não foi inteiramente destruída e permite, portanto, o conhecimento de diferentes etapas históricas. Também transparecem como motivos inconscientes o ressentimento racial e de classe e a reivindicação de uma sensibilidade paga secularmente reprimida pelo catolicismo. Não falta nessa recolha o âmbito literário que os pernambucanos manifestaram por meio de revoltas contra diferentes formas de opressão. Frei Caneca é um só tempo realidade e mito do inconformismo e a essa figura exemplar é dedicada uma cena evocativa. Nesse caso, a formalização da cena tem o compromisso e o ritmo surdo da música contemporânea. Trata-se

naquele e, em seguida, sobre o poder de transformar o ambiente em um espaço dotado de atmosfera dramática. Cada história, tendo um narrador com características diferentes, tem o seu próprio estilo. A meninice que interrompe os passantes é finalizada na janela de casa é a narradora de uma manifestação bérgona e adéuosa de fantasia na região materna. Cabe-lhe atrair e convidar os espectadores para ingressar no território das histórias mais cabeludas. Assombrações maldicas e evotizadas adquirem ritmo favelado e ressurtem para revestir narrativas cujo ponto de origem é a crueldade dos senhores de escravos.

Em cada cena dessa antologia há um sentimento dominante, alguma coisa que permeia e simboliza a narrativa com a expressão da experiência

valece sobre os temas e formalizações da transmissão oral. Mas essa é uma constatação presente que o espetáculo apresentado pelo grupo *Os Fios Encruzados* registra sem se deixar contaminar pela melancolia saudosista. O que interessa ao grupo dirigido pelo autor é a categoria de "romântico", com a sua dupla mensagem de distorção e emotividade. Sob as histórias de fantasmas há um fundo histórico que a imaginação coletiva enfeita e deforma e, por essa razão, os narradores populares são os verdadeiros heróis do espetáculo. São os homens pobres da cidade: recebedores dos espectadores, envolvendo-os fisicamente e seduzindo para que se tornem permeáveis aos encantos de uma narrativa supra-histórica. O desenho do espetáculo repousa sobre a capacidade de sedução das perso-



"ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO"

## Lírico e cômico, texto transborda sensações

SERGIO SALVIA COELHO  
 CRÍTICO DA FOLHA

INAUGURANDO um novo espaço cultural no Casarão do Belvedere, "Assombrações do Recife Velho" se insere em um gênero já consagrado no teatro paulistano: o do teatro itinerante, que troca a distância entre palco e plateia por passeios por patrimônios históricos reabilitados, exigindo do ator, ao mesmo tempo, concentração e despojamento.

Desde o início recebida pelos "contadores de causos", a plateia encê os ouvidos com o sotaque e com o ritmo recifense e logo sentirá o cheiro do cachimbo do pai-de-santo e o perfume da viúva viaciada pelo morto, provará o doce de banana feito em tempo real e pressentirá entidades nas sombras dos candeieiros.

Amparado por uma imprescindível Bolsa Viacé, o diretor Newton Moreno se aprofundou, com o apoio da própria Fundação Gilberto Freyre, na história riquíssima da miscigenação brasileira: antes africanos convivem com fanatismos europeus, lobisomens e diábulos assombram as mesmas vielas. Mais que folclóricos, os "causos" do livro homônimo de Freyre revelam a sexualidade e os preconceitos do brasileiro, dando continuidade assim à busca de "Agreste", o texto consagrado de Moreno.

Desta vez, porém, não há o arido e transcendente Egor da direção de Márcio Aurélio. Dirigido pelo próprio autor, "Assombrações..." tem o tom das duas outras montagens do seu grupo Os Fofos

Divulgação



Eduardo Reyes em cena de "Assombrações do Recife Velho"

Encenam ("A Mulher do Trem" e "Deus Sabia de Tudo..."), exibidas no mesmo espaço, em que o humor é o instrumento principal do questionamento. O grande carisma de Paulo de por José Roberto Jardim e Eduar-

do Reyes, mas domina o quase es-cracho de Marcelo Andrade, o despojamento de Fernando Neves, Carlos André e Kátia Daber. Salta aos olhos a grande versatilidade de Alex Oruli, que, ao pas-sar do perplexo pesquisador de fora para o caquético morador lo-cal, mostra uma técnica que lem-brava o "Café com Queijo", do gru-po Lume.

Entre o que se conta e o modo de contá-lo, Moreno mostra-se um dramaturgo seguro. Enquai-tando o diretor, porém, não resiste a um excesso de ideias que acabam diluindo a proposta. No episódio em que a tortura política é evocada, ao trocar a de-licada integração com o público (que faz desta montagem uma ir-mã da antológica "Hysteria", do grupo XIX) pela imagem arqui-é-tica da santa torturada (estratégia que é marca registrada do Teatro da Vertigem, de Antônio Araújo), o espetáculo destoa e, ao voltar ao tom original, acaba parecendo re-dundante. Porém, mesmo ga-riando com um envolvimento, as duas horas de espetáculo trans-bordam de sensações inesqueci-veis: Jesus mentiro brinca com o demônio nas ruas de Recife.

Assombrações do Recife Velho

★★★★

Texto: Gilberto Freyre  
 Adaptação e direção: Newton Moreno  
 Com: Os Fofos Encenam  
 Quando: qui. a sáb., às 21h; dom., às 19h; até 13/11  
 Onde: Casarão do Belvedere (r. Pedroso, 267, Bela Vista, tel. 0xx/11/3842-5522)  
 Quanto: R\$ 10



## CRÍTICA

### A RESSURREIÇÃO DA NARRATIVA

Baseado na obra de Gilberto Freyre, Newton Moreno compõe em *Assombrações do Recife Velho* uma visão afetiva sobre a tradição e a força da oralidade

POR KIL ABREU

As histórias colhidas por Gilberto Freyre para o livro agora adaptado ao teatro relatam um tempo em que na cidade do Recife a vida não chegava pelos jornais, mas "na língua certa do povo", como disse Manuel Bandeira. *Assombrações do Recife Velho* inspira-se na consciência funda de brasilidade que notabilizou o autor de *Casa-Grande & Senzala*. Nas crônicas, Freyre recria aspectos da história íntima da cidade, orientado pela perspectiva fantástica da convivência entre vivos e mortos.

O dramaturgo Newton Moreno, também pernambucano, vem já de outra experiência excelente com o uso da narrativa no teatro: a peça *Agreste*, que guarda em comum com *Assombrações...* o gosto pela oralidade, personificado nos contadores de causos. Nesta versão, dirigida pelo próprio Moreno, os mortos corrigem os vícios da sociedade que vêm assombrar e reconstituem, no plano sobrenatural, os impasses da vida real. Escravos voltam do além para fazer cobranças aos seus senhores, e o colonizador europeu é o diabo ruivó, que vem do mar e se satisfaz nas carnes das índias e negras.

A encenação empenha-se na tarefa de fazer coincidir tema e forma. Centra força nos relatos, enquanto investiga justamente a morte da narrativa. Não é à toa que o elenco — formado pelos atores do grupo Os Fofos Encenam — tem seus melhores momentos quando se inspira na atuação livre e direta dos artistas de feira e do teatro popular, fazendo valer o jogo aberto com a plateia. Se os desempenhos não se nivelam no mesmo ponto alto alcançado por alguns intérpretes em particular (como Paulo de Pontes, que acende com energia admirável a militância de um Frei Caneca ressuscitado), o grupo, visto



Atores do grupo Os Fofos Encenam: melhores momentos do elenco são inspirados nos artistas de feira e do teatro popular

no conjunto, garante a vitalidade da comunicação com o público.

A montagem totaliza-se como crônica de uma cidade desencantada nos percalços de outras aparições, vindas com o urbanismo e as especializações de toda ordem, que sepultaram aquele sentido comunitário da vida, resguardado no espaço social da narração. O mesmo espaço que agora só pode ser mimetizado mediante as estilizações artísticas, como esta que o espetáculo opera. Se há algo de regressivo e de nostálgico nesse exame que se lança ao passado, há também fundamentalmente a preocupação com um tema presente e vivo: o esgarçamento dos vínculos — central em todas as manifestações da arte moderna —, que as vozes distantes destas *Assombrações...* vêm nos lembrar. ■

#### A PEÇA

*Assombrações do Recife Velho*. Direção de Newton Moreno. Com Os Fofos Encenam. Casarão do Bevedere (rua Pedrosa, 267, Bela Vista, São Paulo, SP, tel. 0++/11/3266-5272). 5ª a sáb., às 21h; dom., às 19h. R\$ 10. Até 13/11.

#### VEJA TAMBÉM

*Hygiene*, com o Grupo XIX de Teatro, que retrata uma vila operária na "São Paulo velha" (anos de 1910). Direção de Luiz Fernando Marques. Vila Maria Zélia (rua Cachoeira, esp. com rua dos Prazeres, Belenzinho, tel. 0++/11/8283-6269). Sáb. e dom., às 16h. R\$ 20. Até 4/12.

FOTO DIVULGAÇÃO

# FESTIVAL NACIONAL INTERMUNICIPAL DE TEATRO

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO  
SÃO PAULO - BRASIL

Jornal do FIT 2006 | [www.festivalriopreto.com.br](http://www.festivalriopreto.com.br) | Ano II - Nº 7

Quinta-feira, 20 julho

## Fantasmas da fundação

Sombras, projeções, lampejos de luzes tremulam todo o tempo em "Assombrações do Recife Velho", texto e encenação de Newton Moreno com o grupo "Os Fofos Encenam", dando espessura carnal e pulsação à narrativa de Gilberto Freyre. Um velho casarão encontrado pelo FIT em Rio Preto faz a vez de um antigo sobrado pernambucano, indispensável arquitetura cuja exploração torna-se determinante nesse primoroso espetáculo. O elenco, afinado e vibrante, é composto por Alex Gruli, Carlos Ataide, Kátia Daher, Maristela Tobar, José Roberto Jardim, Marcelo Andrade, Eduardo Reyes, Luciana Lyra e Paulo de Pontes, e com admirável versatilidade alterna-se na criação das incontáveis figuras em desfile: anônimos habitantes da capital de Pernambuco, trazidos à cena sob a rubrica de assombros.

Algumas placas indicam logradouros: Rua do Encantamento, Largo da Memória, Fonte da Saudade, advertindo que o território que está sendo explorado é aquele mediado entre a lembrança e o sonho, desbordado e fantástico, misto de mentira e crendice, há muitos anos repetido de boca em boca e, portanto, tornado verdadeiro.

Uma perna cabeluda, um lobisomem aterrador; o capeta - multiplicado sob mutantes aparências - convivem com uma velha tia avarenta que masturbava a imagem do menino Jesus, uma iaia que tem a perna puxada por uma antiga escrava, outra velha que morre e ressuscita diversas vezes. Vozes entrecruzadas, sussurros e ladainhas misturam-se aos gritos e lamentos que, em alto e bom som, povoam o espaço com o melódioso sotaque da cidade. Algumas criações possuem energia extraordinária, como o frei Caneca, numa cena adensada pela poderosa percussão do maracatu.

Nestes fluxos e trânsitos que povoam os diversos cômodos do casarão o espectador é deslocado, literal e metaforicamente, esbarrando em fantasmas: seus próprios, dos outros, do país, espécie de magma caótico onde borbulham, quentes e vibrantes, os mais telúricos signos que nos singularizam enquanto nação. Uma vez que é do caldeirão de raças e culturas que estamos aqui falando. Por detrás da galeria de assombrações, emergem as sombras que conformam nosso passado cultural, essa dimensão mítica do não-revelado que apenas uma antropologia tropicalista como a de Gilberto Freyre é capaz de imaginar.

Mas para que essa conjunção entre signos e suas representações seja cenicamente materializada importa o rigor formal do espetáculo, embora seu paradigma estrutural seja de cunho dionisíaco. Confronto este que põe em evidência as minúcias poéticas com que Newton Moreno sabe tecer seus bordados, espalhar suas folhas, cozinhar em fogo lento o doce servido à plateia. Doce com que os espectadores podem saciar-se à vontade, pródiaga que é sua generosa criatividade figurativa, sempre inventiva, sempre inesperada. Os balões inflados, para citar apenas um, servem de exemplo de como um signo pode adquirir insuspeitadas funções e tratamentos cênicos, indicando múltiplas significações. Ou então os figurinos, concebidos por Leopoldo Pacheco e Carol Badra, belas e extensas variações quanto ao uso das rendas que adornam os trajes.

A arte não imita a vida. Serve para engrandecê-la, expandi-la, torná-la uma aventura preñe de bênçãos, ao nos depararmos com realizações deste quilate e qualidade.

Edécio Mostaço



Renato Miani/FotoA3



## O X da questão

### Assombro e simplicidade

Pense num ambiente rural muito particular, desses que fizeram parte de nossa infância e hoje permanecem apenas na memória, ou que não tenha sido realmente vivido, mas evocado através dos tempos por meio de causos misteriosos: à meia noite, o casarão antigo, a árvore frondosa ao lado, uma atmosfera que toma conta do lugar com muita sutileza, a ponto de passar às pessoas que estão nesse local uma rara dimensão da realidade; ao desembocar numa experiência rica e pessoal, que se não se soubesse que é produzida pudesse ser considerada espontânea, é então deixado de lado o tempo real e histórico para ser constituído um fenômeno mítico, próprio do que é universal.

Lembre de um espetáculo que rompe com a relação tradicional de palco-platéia, que contém ao mesmo tempo a reformulação de percepção e a comunhão do espectador, aspectos tão almejados na modernidade teatral, mas que tal disposição esteja fundamentada no que há de mais intrínseco na obra, alterando nesse contato efetivamente a apreciação dele, ao ampliar sua imaginação em profundidade: uma atmosfera repleta de assombrações e histórias de fantasmas, na qual pequeníssimas chamas de luz contrastam com a imensidão de formas da cultura brasileira através de inserções, bastante pontuais, do ritmo empolgante do forró e da força percussiva do maracatu.

Imagine seres com uma impressionante simplicidade e espírito humano, um elenco praticamente uníssono com amplo domínio dos recursos de atuação, de impressionante habilidade de composição de personagem e sentimento de verdade cênica, figuras ilusórias tão somente advindas da interface entre arte e realidade, materializadas em vestes aparentemente cotidianas com a elaboração minuciosa de quem provém do mítico terreno da ficção: todos com extraordinária capacidade de improvisação e admirável atitude ética, em cuja prática transparece o respeito ao trabalho do ator, acima de suas individualidades.

Pense numa montagem assim, e eu digo que "Assombrações do Recife Velho", apresentada numa casa no bairro São Judas, durante as primeiras horas do quinto dia do FIT, reúne todas essas virtudes. Baseado na obra de Gilberto Freyre, o espetáculo de duas horas de duração recupera a memória e a história da cidade antiga por meio do tratamento dado à temática regional. Ao evitar os excessos, Newton Moreno resguarda a característica de cada uma das histórias e as dispõe na narrativa com a maturidade de quem sabe como manter o espectador cativado. O mais recente espetáculo da companhia "Os Fofos Encenam" subverte expectativas ao mostrar com autenticidade e assombro como é possível combinar alguns dos pressupostos teóricos da atividade teatral, e fazer deles estratégias que acabam por promover a reterritorialização da arte cênica.

Clóvis Massa



Renato Miani/FotoM



**ESCALA DE AVALIAÇÃO**  
 ★★★★★..... Ótimo  
 ★★★★..... Bom  
 ★★★..... Regular  
 ★★..... Ruim  
 ★..... Pésimo

# FOLHA ILUSTRADA

Tel.: 0/xx/11/3224-7842  
 E-mail: ilustrad@uol.com.br  
 Fax: 0/xx/11/3224-2284  
 Serviço de atendimento ao assinante:  
 Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090  
 Demais localidades 0800-775-8080

PÁGINA E 1 ★ SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 2005

## TEATRO *Newton Moreno dirige em São Paulo espetáculo que adaptou da obra do sociólogo, com a Cia. Os Fofos Encenam* **Espectáculo recria “assombrações” de Gilberto Freyre**

Fernando Castro/Diáspora

**VALMIR SANTOS**  
 DA REPORTAGEM LOCAL

Apesar da voga populista no país, o dramaturgo Newton Moreno, 35, não se acanha com o povo. Essa gente que fala a mesma língua é fonte de histórias e tradições que se cruzam e firmam ascendência no corpo de suas peças. Depois de “Agreste” (2004), o premiado texto no qual já evidenciava o movimento de volta às origens, a Zona da Mata de Pernambuco, o autor radicado há 14 anos em São Paulo evoca a cidade natal em “Assombrações do Recife Velho”, adaptação do livro homônimo de Gilberto Freyre (1900-1987).

É o próprio Moreno quem dirige o espetáculo que estreia amanhã em São Paulo, com seu grupo Os Fofos Encenam. Ocupam um espaço não-convencional coerente com o obra de Freyre: o Casarão Belvedere, construído em 1927 no atual bairro da Bela Vista.

Não era por acaso que o Recife Antigo tinha uma rua chamada Encantamento. Em sua passagem pelo jornal “Província”, no final dos anos 1920, Freyre se interessou pela história de um homem que pedia ajuda para expulsar os



O ator Carlos Ataíde em cena de “Assombrações do Recife Velho”, dirigida por Newton Moreno

noite”, como diz um personagem. Contudo, resiste a oralidade que faz das assombrações um modo de ser do Recife. Moreno agregou novas histórias, por exemplo, conversando com uma nora de Freyre. O intelectual não está refragmentado em muitos personagens, entre eles um entrevistador. É como se um espectro a mais rondasse o casarão.

Parte dos integrantes da Cia. Os Fofos Encenam é embrionária da Unicamp. O grupo atua profissionalmente desde 2000. “Assombrações...” é sua terceira peça e foi contemplada em 2004 pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

A ocupação do Casarão Belvedere, até outubro, prevê temporada das outras duas peças do repertório: “Deus Sabia de Tudo e Não Fez Nada” (2000) e “A Mulher do Trem” (2003).

### Assombrações do Recife Velho

Quando: estreia amanhã, às 21h; qui, a sáb., às 21h; dom., às 19h; até 13/11

Onde: Casarão do Belvedere (r. Pedroso, 267, Bela Vista, SP, tel. 0/xx/11/3842-5522)

Quanto: R\$ 10

de não é só dos homens. Viu que Recife não é mais a mesma. Res-tam-lhe alguns casarões antigos, para ver se encontrava resquícios sim, mas mudou a luz. Não há mais “o silêncio morno da meia-  
 turg se apropria de pelo menos duas verdades possíveis: as intermitentes consciências da morte e a cicatriz da escravidão.  
 Moreno adaptou “Assombra-  
 ções...” em 2003, como projeto da Bolsa Vitea. Além do livro-fonte, foi a campo durante três meses para ver se encontrava resquícios dessas superstições. Afinal, a cida-



Assunção

>> HEBE CAMARGO PAGA R\$ 75 MIL PARA ANA MARIA BRAGA FAZER O ALMOÇO

# ISTO É Gente

www.istoegente.com.br  
12 de setembro de 2005

semanal



Diversão & Arte

TEATRO

## Assombrações do Recife Velho

**DRAMA** Depois de *Agreste*, Newton Moreno adapta Gilberto Freyre e faz elegia à crença popular · Dirceu Alves Jr.

**C**om *Assombrações do Recife Velho*, o dramaturgo e diretor Newton Moreno prossegue com seu mergulho na alma nordestina iniciado com o genial *Agreste* em 2004. Mais do que retratar o povo daquela região, e, por extensão, o brasileiro, Moreno apresenta outro espetáculo em que a aposta é focada para os mistérios da imaginação humana e no quanto a fantasia pode (ou deve) ser incorporada à realidade.

Inspirado na obra de Gilberto Freyre, *Assombrações do Recife Velho* espelha o Brasil da casa grande, da senzala e dos desníveis sociais na voz dos habitantes de uma rua da capital pernambucana e suas histórias de fantasmas. Quem é assombração realmente não importa. A imaginação está disponível para todos. Cabe à seleta platéia usá-la ou não, como aquelas criaturas usam.



Carlos Ataíde em *Assombrações do Recife Velho*: beleza extraída da simplicidade

Mesmo sem a parceria de Márcio Aurélio, diretor de *Agreste*, Moreno repete a fórmula da peça anterior e extrai rara beleza da simplicidade. Ainda que a valorização principal seja dada ao texto e ao trabalho do numeroso elenco, é por meio das belas imagens que *Assombrações...* encanta. É nelas que o público encontra

suporte para não se cansar com as duas horas de espetáculo e com o grande número de histórias que, se não fossem bem amarradas, fundiria a cabeça de muitos. **Força da Imaginação** ★★★★★

Casarão do Belvedere – Rua Pedroso, 267, São Paulo. Capacidade: 25 pessoas. Informações e reservas: tel. (11) 3842-5522. Até 13/11.



# Viver

FESTIVAL RECIFE

## O medo que encanta

IVANA MOURA // DIÁRIO

ivamoura\_1@diariosocietarios.com.br

Trazer *Assombrações do Recife Velho* para a edição deste ano do Festival de Teatro foi uma convergência de desejos: do grupo, da organização e do público local, que acompanha à distância o trabalho do dramaturgo e diretor Newton Moreno e do grupo Os Fofos Encenam. O resultado foi uma alegria do encontro, na cena e fora dela. Como ocorre todos os anos com os espetáculos mais disputados, algumas pessoas não conseguiram assistir à peça, mas isso acontece em qualquer festival do mundo e ainda não se encontrou a fórmula para solucionar o problema e atender a demandas das montagens mais intimistas (a lotação do teatro para cada sessão ficou em torno de 70 pessoas, no Armazém), para uma temporada tão curta. Infelizmente, a sessão extra da meianoite do domingo, anunciada no sábado pela coordenação do festival, foi cancelada devido a problemas de saúde

do pai de um dos atores. Mas o diretor prometeu voltar com o espetáculo, quem sabe no próximo ano.

Encenar *Assombrações do Recife Velho* é um mergulho de Newton Moreno na cultura popular nordestina, de sua infância e adolescência. Ele, que mora há 20 anos em São Paulo, foi buscar inspiração nesta "nostalgia das origens", como dizia o teórico e teatrólogo francês Antonin Artaud. Newton já fizera outro retorno regido pela memória antes, como dramaturgo em *Agreste* (dirigido por Marcio Aurélio), mas com outras redes de significados. Desta vez, ele escreveu, em livre adaptação da obra homônima de Gilberto Freyre - acrescida por outras narrativas. Texto e encenação estão impregnados de cultura popular, credências, sabedorias, ignorância e medo atávico da morte, mas sempre com uma curiosidade de arrearpiar.

Fenômeno cênico transita entre o Recife e todas as culturas que alimentam seus fantasmas. Há na en-



Assombrações do Recife Velho lotou todas as sessões no Teatro Armazém

cenação pequenos fragmentos de histórias costuradas por um fio condutor do medo, da curiosidade e da memória, que atrai em suas sombras e cheiros. Causos materializados em muitos personagens, gente comum, como o preto velho e sua solução para curar o menino papa-figo, uma das pequenas

vinganças da escravidão. E figuras sedutoras, como a de um finado marido que insiste em visitar sua viúva e despertar novamente o antigo apetite sexual. Outras ainda despertam a incredulidade, como Dona Benvenida, que morreu três vezes, "a morta-viva que virou celebridade", ou o rapaz que dança

a noite inteira e se apaixona pela moça que já morreu.

Em um corredor, dá conta da cidade inteira, das suas ruas com nomes emblemáticos, como a Rua da Saudade. Surgem seus personagens e suas histórias, casos que têm o mérito de dizer algo de humano, de super-humano, de sobre-

natural, para uma coletividade. O elenco é afinadíssimo. E os pernambucanos Carlos Afaide, Luciana Lyra, Paulo de Pontes, Viviane Madureira e Newton Moreno revelam uma alegria natural por estar na terrinha. O público saiu fascinado por todos os elementos encantatórios do teatro.





Imaginário popular nordestino é explorado na montagem do grupo mezzo pernambucano, mezzo paulista Os Fofos Encenam

# Assombrações do Recife Velho mexe com a memória

Texto de Gilberto Freyre estreia hoje num casarão em São Paulo

Mariana Fontes

ESPECIAL PARA O DIÁRIO

**B**elvedere é o antigo nome de uma área da cidade de São Paulo, ocupada pelos franceses no final do século 19. Atualmente, o lugar atende pelo nome de Bela Vista e é lá que está localizado o Casarão Belvedere, espaço que acolhe hoje a estreia do espetáculo *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre, uma iniciativa do grupo teatral *mezzo* pernambucano, *mezzo* paulista *Os Fofos Encenam*. O casarão é uma das últimas construções que resistem no local. "A peça lida com a idéia de memória e a gente achou que aquela casa estava cheia de lembranças", diz o diretor Newton Moreno, justificando a escolha do lugar, que deverá também se transformar em um espaço cultural.

O espetáculo é uma livre adaptação da obra de Gilberto Freyre, assinada pelo próprio Moreno, um pernambucano radicado em São Paulo há 14 anos. Transportar para os palcos o universo de Gilberto Freyre, segundo o diretor, foi um dos maiores desafios do projeto. "É extremamente difícil principal-

mente porque a obra de Freyre é importantíssima. Esta é a quarta montagem do trabalho dele de que eu tenho ciência", diz Moreno. "Todo mundo se seduz pelas imagens, metáforas e o imaginário popular do trabalho de Freyre", complementa.

**Lendas** - Os fantasmas, diabos negros e exus de escravos africanos que permeiam a trama de Gilberto Freyre ganham vida no espetáculo da trupe. Se, para elaborar o livro, Freyre recorreu a fontes como arquivos de polícia, antigos relatos de cronistas e contadores de história, o texto teatral de Moreno é fruto de um intenso trabalho de pesquisa. Para construir o texto do espetáculo, baseado no livro homônimo, o dramaturgo - que em 2003 foi contemplado com a *Bolsa Vitae* - foi em busca de outras histórias não publicadas no livro, como lendas do imaginário nordestino, além de pequenas tramas criadas pelo próprio Moreno.

Ainda que trate de assuntos universais, como os conceitos de vida e morte, há em *Assombrações do Recife Velho* o possível risco de que a linguagem freyreiana não seja tão bem compreendida pelo público de São Paulo. A

estreia em terras paulistas deve então funcionar como uma espécie de teste para o espetáculo. "Acho mais interessante a gente começar a temporada por aqui (SP), porque sei que temos um monte de códigos que certamente o público do Recife irá entender melhor. É mais fácil para as pessoas daí entenderem", comenta o diretor.

Depois de ficar em cartaz em São Paulo até o próximo dia 13 de novembro, a idéia do grupo é mostrar o espetáculo em outros estados, principalmente em Pernambuco. Formada há seis anos, a última vez que a companhia *Os Fofos Encenam* esteve no Recife foi no último mês de novembro, durante o *Festival Nacional de Teatro*, quando trouxe a montagem *A Mulher do Trem*, que percorreu 15 cidades e foi vista por mais de 45 mil pessoas. O elenco da trupe é composto por 10 atores, entre os quais estão os pernambucanos Paulo de Pontes, Elaine Kauffman, Luciana Lyra e Carlos Ataíde. Para 2006, o grupo pretende colocar em cena o drama trágico *Ferro em Brasa*, de A. Sampaio, e o texto de Moreno, *The Célio Cruz Show*, uma crítica à exploração da miséria humana na TV.



Sábado, 22 de julho de 2006 D-7

BOM DIA

VIVA

## 'Assombrações do Recife Velho' encerra festival com casa cheia

A peça, em cartaz durante todos os dias do FIT, foi uma das mais procuradas teve casa cheia

Izabela de Paula  
izabeladepaula@bomdiariopreto.com.br

Nove dias de apresentações, ingressos esgotados e críticas positivas. É com casa lotada, e em grande estilo, que a peça "Assombrações do Recife Velho", em cartaz à meia-noite de hoje e de amanhã, encerra sua temporada no FIT (Festival Internacional de Teatro) de Rio Preto.

O cenário? Um casarão. Na platéia? Apenas 38 pessoas por apresentação presenciam personagens populares narrando a história de fantasmas que assombravam a região nordestina, como o lobisomem, o papa-figo e o boca-de-ouro. Trata-se de uma aula sobre costumes, tradições e lendas do folclore brasileiro, porém com um toque de humor e mistério.



Cena do espetáculo "Assombrações do Recife Velho", que é encenado em um casarão, com sessões sempre à meia-noite

A peça da companhia Os Fofos Encenam, de São Paulo, está em cartaz durante todos os dias do festival e foi uma das mais procuradas pe-

lo público, que a classificou como "intrigante e divertida". Os ingressos se esgotaram logo nos primeiros dias de venda. Na internet, trocas

de mensagens no Orkut, rede de relacionamentos virtual, negociavam a entrada para a peça por leilões. Muitos ficaram de fora.

ANO 39 - Nº 14.499 - R\$ 1,25

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

22 de julho de 2006

# BOM DIA